

**SOBRE TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA: QUESTÕES E
DESAFIOS**

Antônio Alexandre Isidio Cardoso
Mestrando em História Social – UFC
alexandricardoso@gmail.com

A organização do itinerário, os pontos de parada e partida, o enfrentamento dos acidentes de percurso, a vigilância diante das armadilhas do caminho, tudo isso atribui destreza a um pedestre atento, principalmente se a caminhada for numa cidade estranha. Geralmente, quando um andante de terras desconhecidas quer chegar a algum lugar recorre as *perguntas*, certamente imaginando que *outros* possam ajudá-lo na caminhada, o que nem sempre acontece. Com sorte, ou esforçando-se no sentido de perguntar a várias pessoas, provavelmente o pedestre incorre no êxito, e nesse momento os caminhos que antes eram estranhos, começam a transformar-se, a ganhar feições, significados.

Porém, a sensação de segurança diante do conhecimento do caminho é frágil, principalmente se o pedestre estiver somente a passeio na cidade desconhecida. Alguns anos depois da primeira visita é bem provável que um cinema localizado na Rua da Memória 2009 tenha desaparecido, ou mudado para a Rua da História (sem número). É necessário, portanto, verificar as transformações da cidade, acompanhar o que muda e o que permanece nela.

Ao historiador, ou melhor, ao historiador *pedestre* cabe o exame das sutilezas, da malícia dos caminhos da pesquisa, que a cada lance de vista podem apresentar resultados diferentes, e com isso, possíveis mudanças de percurso. A rota deve ser marcada pela articulação teórico-metodológica dos passos da pesquisa, pelas leituras e questões direcionadas as fontes que proporcionam reflexões, que provocam a dúvida, que impelem o historiador pedestre a inquietar-se diante da vida dos trajetos em *sua* cidade desconhecida.

Ao sabor das experiências humanas a vida vai imprimindo seus significados no mundo. As ações históricas serpenteiam, misturam-se, esgueiram-se, deixando entrever sua imprevisibilidade, como uma espécie de quebra-cabeça que mostra imagens

diferentes a cada movimento das peças. Tentar entender tais figuras, atribuir sentido ao que aparentemente parece arbitrário, é a tarefa capital dos historiadores.

A seleção da escrita, a análise das fontes, faz parte de uma espécie de *fabricação*, responsável por muito do que é potencialmente lembrado e esquecido, no jogo de luz e sombra característico da história. A reflexão em torno do entendimento dessa empreitada volta e meia tem seus encontros com outras áreas do conhecimento (como a filosofia, antropologia, etc) o que ajuda na problematização das maneiras que o trabalho de história vai dando significado aos seus caminhos, ao modo de montar o tal quebra-cabeça. Dentro desse campo de discussão pode-se situar o trabalho de Hannah Arendt, que pronuncia-se desenvolvendo questões que perpassam o conceito de história.

A preocupação com o *registro* é o passaporte humano para a imortalidade. As narrativas de tempos idos, resguardadas nas memórias, escritos e objetos, fazem parte do arsenal de fragmentos deixados pela sucessão de gerações que clamam ao tempo presente (ARENDR, 1992). É interessante notar de onde partem estes reclamos, como e quando são produzidos, o que denotam e o que obliteram.

O que deve ser lembrado? Esta pergunta nos remete ao terreno das disputas, diretamente vinculadas a produção do conhecimento histórico, pois ao examinar a gama de registros edificados no passado, e de onde estes são articulados, é significativa a presença do mundo dos *vencedores*, vinculados ao poderio político, bélico, econômico, que na maioria das vezes são conjugados no mesmo tempo verbal, ajustados aos grandes *feitos*. As guerras, as famílias poderosas, as viagens entre e através dos continentes, os palácios, as muralhas, tomam o formato de monumentos, de testemunhos que devem ser lembrados, resguardados da acidez do ostracismo.

O conceito de história através dos tempos foi firmando-se sob a batuta dos detentores do poder, logo, a maioria dos registros são entranhados pelos discursos vencedores. Isto implica num desafio, sustentado por historiadores preocupados em enxergar outras dimensões dentro das narrativas, que não aparecem a primeira vista, sustentadas por pessoas obscurecidas nos anais da história.

Para chegar a tais sujeitos é preciso um duplo esforço situado no campo da alteridade. Primeiramente, existe a batalha em torno do entendimento dos estrangeirismos do passado, do que é explícito na linguagem, e também do que está

implícito. Isto alude a sensibilidade (advinda com a experiência) de perceber em meio ao oceano dos registros produzidos pelas falas vencedoras, *outros* que também depositam sua contribuição a compreensão do passado. Ao captar a presença dos *de baixo*, é necessário tentar apreender as variações de seus idiomas e esconderijos, num esforço de situá-los dentro da produção historiográfica.

Percebe-se, portanto, que os documentos são espécies de janelas que permitem visualizar algumas linhas do passado, selecionadas sob a responsabilidade dos que produzem o conhecimento histórico. Para tornar mais clara esta problemática é interessante colocar em debate os meandros da metodologia do trabalho de análise das fontes.

O documento possuía uma centena dessas linhas, que não eram nem mesmo divididas por palavras. Parecia ter sido escrito há muitos anos e, na folha de papel grosso coberto pelos *hieróglifos*, o tempo já depositara sua pátina amarelada. [...] Precisamos da “senha” para abrir um cofre de segurança; precisamos da “cifra” para ler um *criptograma* desse tipo. Por isso, é o que veremos, o documento resistirá às tentativas mais engenhosas de decifrá-lo e nas circunstâncias da mais alta gravidade. (VERNE, 2003:12)

Verne em sua narrativa fantástica sobre as *800 léguas pelo Amazonas* destaca logo de início o encontro entre o capitão do mato Torres com um documento cheio de letras e linhas as mais indecifráveis, caracterizados como *hieróglifos*, isto não por fazer referência direta à escritos egípcios, mas por conter um significado obscuro, difícil de entender, como uma porta sem chave ou um cofre sem senha. Tratava-se de uma carta, que para alegria de Torres guardava informações que ele com algum esforço conseguira decifrar, onde estariam informações sobre a possibilidade de fazer fortuna nos horizontes amazônicos, ciência com a qual se fiaria no decorrer das páginas do livro.

A trama de Verne proporciona uma série de reflexões de cunho metodológico, principalmente quando desenha a relação do capitão do mato com a carta em questão. No cotidiano da pesquisa os historiadores deparam-se sempre com textos que “resistem as tentativas mais engenhosas de decifrá-los”, resguardados nas letras, imagens, falas, gestos de outros tempos, de um passado que é estrangeiro, que fala uma língua diferente da fluência do presente, até mesmo dentro de expressões de um mesmo idioma.

Mais uma vez é importante salientar que exercício de análise das fontes é atravessado pelos desafios da *alteridade*, pois a história é construída através dos olhares de *outros* do presente, onde estão embutidas visões de mundo que muitas vezes *desconcertam* os olhares dos historiadores. Perceber *os outros* do passado a partir das fontes reserva grandes responsabilidades ao profissional de história, na medida em que se lida com o que é vivo, com um passado lido no presente, onde o jogo entre a lembrança e o esquecimento está em pauta de maneira constante.

Isto pode ser representado como uma espécie de *gangorra*, que tem nas suas extremidades a *lembrança* e o *esquecimento*, num subir e descer incessante, num páreo eterno entre o lembrar e o esquecer, onde o historiador posiciona-se, ao mesmo tempo, em ambos os lados, contribuindo com sua força no movimento da gangorra, em lucro de um e em prejuízo do outro, subindo e descendo, e vice-versa.

Uma significativa parte da historiografia produzida até o alvorecer do século XX *balançava-se* sob os auspícios de uma memória dos grandes feitos, de heróis e guerras, contemplando instituições e monumentos vencedores, com os olhos voltados a um passado de glórias, dando vazão a imagens que reproduziam o narcisismo dos detentores do poder de escrever a história. A marcha contrária, onde situam-se os *vencidos* (como se convencionou nomear), posicionara-se do lado do esquecimento, onde muitas vezes os mortos são mortos várias vezes, para que não haja a possibilidade da escrita da sua história, condenados a prisão perpétua do ostracismo. Contudo, é necessário *lembrar* que a gangorra não pára.

Nesses movimentos constantes da História há muito a discutir, desde a diversidade temática, diálogos teórico/metodológicos, até mesmo o papel do historiador na sociedade, o que extrapola as fronteiras da disciplina. Isto está promovendo uma aproximação das anteriormente distantes, clássicas e cansadas *catedrais do conhecimento*, que para não morrer em meio ao mundo de uma cientificidade técnica, fugaz, se abraçam.

O abraço (chamado de interdisciplinaridade) ocorre de maneira latente na pesquisa em História, seja nos debates com outras disciplinas, seja no que tange as articulações entre bibliografia e fontes. No entanto, este abraço não deve ser entendido como algo necessariamente amistoso, pois ocorre entre sujeitos de idiomas diferentes,

que buscam resolver uma contenda, um problema, justificando-se em suas respectivas línguas, chegando a abraçar-se (ainda muito desconfiados) somente quando conseguem entender os *por quês* e *quem é* o outro, e *como* e *quando* a problemática começou e teve sentido.

O impulso para tais questões tem razão de ser no movimento incessante que conforma a análise das diversas áreas do conhecimento que se ocupam das ações humanas, que por si mesmas têm um significado confuso, posto que fora de um universo maior de atribuição de sentidos é difícil interpretá-las, seu desencadeamento é misterioso, imprevisível. As ações devem ser situadas em seus respectivos contextos, com atenção aos possíveis desdobramentos no presente, submetidos as continuidades e descontinuidades. Em se tratando dos historiadores urge tornar ações pretéritas inteligíveis, de maneira a organizá-las, atribuindo-lhes sentido, e traduzindo-as para o presente.

A problemática da ação

Mas entender as ações humanas no tempo serve para quê? Para que rumo a história aponta? Estas perguntas trazem consigo séculos de inquietações, motivadoras de muitos conflitos, desde acalorados debates até banhos de sangue. As diversas maneiras de entender o passado e o ordenamento de seus desdobramentos no presente, assim como os caminhos a percorrer no futuro, tomaram de assalto as mentes de muitas pessoas que tinham a História como professora, como mestra da vida. Os ensinamentos dos tempos idos, nesse sentido, ensinariam as gerações a não cometer os mesmos erros, a caminhar sempre nas trilhas do aperfeiçoamento, do desenvolvimento da plenitude das potencialidades humanas. As ações de homens e mulheres se combinariam harmonicamente, podendo o tempo humano ser representado por uma linha reta, apontando para um futuro sempre melhor. Mas, até que ponto caminha-se rumo a sociedade da *perfeição*?

Esta questão apresenta outro problema relacionado a ação histórica, que diz respeito a uma espécie de programação, relacionada a uma lógica montada a partir da análise do passado com vistas aos acontecimentos do presente, e na certeza na redenção

dos problemas no futuro. Vinculado tanto aos estudiosos positivistas, como marxistas, dentre outros, o ideário etapista da História teve como desdobramento uma série de posicionamentos diante das ações históricas, sempre no sentido de tentar guiá-las, de encaminhá-las a um *sucesso*.

Tendo em conta a trilha de alguns interpretes do marxismo, sobremaneira tributários do regime soviético, considerava-se, por exemplo, que a maturidade dos operários, guardada na sua consciência, tinha sua gênese na coordenação de membros do partido, responsáveis por ditar a maneira *correta* de articular a *luta de classes*. Isto em função dos interesses imediatistas (que seriam inerentes aos trabalhadores), que percebiam suas necessidades dentro da alçada da sobrevivência, e não necessariamente visando a revolução proletária. Cornelius Castoriadis em seu trabalho sobre a experiência do movimento operário discute esta *organização* dos trabalhadores no bojo das investidas das lideranças partidárias.

A crítica do autor atinge em cheio aspectos centrais da idéia de *ordenamento* da camada operária, que em nome dos *imperativos históricos* guiariam a humanidade em direção a outra etapa de sua *evolução*. Logo, como separar as ações de caráter *histórico* e as de interesses *imediatos* dos trabalhadores? Este problema tem sua base numa teoria da História, que define de maneira prévia quais são as ações de cunho histórico, antes das mesmas serem operadas, qualificando ou desqualificando as atuações dos sujeitos. Portanto, os trabalhadores deveriam ser guiados pela teoria nascida no marxismo, resguardados na sua *infalibilidade*, seu destino estava traçado, como num jogo no qual o vencedor já estivesse definido.

Esse fundamento é o postulado de que a verdade passada, presente e futura da evolução histórica já estaria desde agora sob o domínio de uma teoria essencialmente acabada, a qual, por sua vez, já seria possuída por uma organização política; disso resulta, necessariamente que o “papel histórico do proletariado” só é tal na medida em que ele faz o que a teoria sabe e prediz que ele deve fazer e fará. (CASTORIADIS, 1985:14)

O intercâmbio entre a teoria e as ações dos trabalhadores torna-se bastante desigual, na medida em que se pressupõe seus passos, que deveriam marchar na velocidade e no ritmo da teoria, com vistas a alcançar a redenção dos problemas sociais

enfrentados. Castoriadis ressalta as discordâncias entre tais arrazoados teóricos e o andamento da vida dos sujeitos, pois estes não necessariamente obedecem as astúcias das *estruturas*, que perdem grandemente sua relevância enquanto postulado teórico ao passo que se desumaniza, que depura as ações humanas e suas intervenções nos desdobramentos históricos.

A recorrência deste problema veio ganhando forma diante das críticas emitidas aos dirigentes soviéticos no século XX, e aos partidos comunistas do mundo inteiro, em referência *principalmente* ao período de Josef Stalin, momentos que guardaram expressões como a dos *grandes expurgos*, que entre deportados e mortos empreendia caça aos que se atreviam a dançar fora do ritmo histórico. Os contornos das ações dos trabalhadores tinham seu fundamento nas demandas de uma história que apontava para o futuro, no qual o triunfo era inevitável, onde os operários seriam guiados pela teoria rumo a *vitória final* sobre o capitalismo. O cotidiano vivido e as reflexões teóricas tinham um elo bastante limitado, estabelecido num cenário em que homens e mulheres estavam fadados a um destino pré-fabricado, guardado nos volumes de livros e nos arrazoados dos dirigentes de partido.

O vigor deste tipo de interpretação da história teve desdobramentos bastante significativos no campo de pensamento de vários intelectuais, que tiveram no esquema base/superestrutura, colhido nas interpretações dos trabalhos de Marx, um alibi para a conformação de um quadro teórico de exame da sociedade. A dedicação das análises de fundo teórico objetivavam muitas vezes instituir as maneiras *corretas* do comportamento social, que seriam guiadas pela infalibilidade dos juízos saídos dos gabinetes de intelectuais ocupados em confirmar que a humanidade tinha um caminho *determinado* pela história. Tomando o futuro como o produto satisfatório da teoria, era preciso colocar tais pressupostos em prática, posto que depois de pensada, discutida, e publicada, era precisa assistir os resultados. As estruturas relacionadas harmonicamente tinham a senha que revelaria os caminhos do *destino* humano.

Nessa perspectiva, o método de aferir a história era perpassado por categorias, que deveriam ser confirmadas na realidade. Os traços da vida, seus registros, tinham que ser confirmados segundo regras ditadas previamente, atentando para a relevância que este ou aquele fragmento apresentava em contribuição aos caminhos *apropriados* da

história. Tudo isso desprovia a importância da agência humana e sua interferência na conformação dos acontecimentos, atribuindo um papel secundário (para não dizer nulo ou mesmo prejudicial) aos eventos que não corroborariam com as balizas da teoria.

Em apreciação afiada a tais tipos de análise E. P. Thompson empreende crítica ao que o autor nomeia de miséria da teoria, tendo como base uma leitura do trabalho de Althusser, um dos representantes do pensamento marxista ancorados em exames *estruturais* da realidade. Thompson alerta para a importância da leitura do *processo* histórico não como algo necessariamente planejado, mesmo sabendo que a “mente tem dificuldades em resistir a conclusão de que a história deve (...) ser programada de alguma maneira” (THOMPSON, 1981:102), e sim incluindo as ações humanas, que não tem um *fim* determinado, alheias a definições pré-estabelecidas. Entender a história como processo, portanto, não implica em defini-la a partir de um cânone teórico, apontando para um programa, um fim, como um procedimento alheio a vontade humana, mas sim como processo que inclui suas ações, visualizando suas sincronias e diacronias, formulando questões ao campo teórico, como um *problema*.

“O conceito de história como processo suscita imediatamente as questões de inteligibilidade e intenção. Cada evento histórico é único. Mas muitos acontecimentos, amplamente separados no tempo e espaço (...) revelam regularidades de processo” (THOMPSON, 1981:97). Contudo, as simetrias entre os eventos históricos que permitem interligá-los, promovendo o entendimento dos seus movimentos e seus desdobramentos, não apontam para necessariamente para um *vir a ser*, para uma fórmula de futuro que corresponderá as tendências do processo lidas na análise da história. Isto justamente porque o que está em jogo são as ações humanas interferindo no processo, e tais obras não são susceptíveis a juízos que as reduzam a programas, atando-as a camisas de força teóricas.

Entra em jogo, nesse sentido, o que Thompson destaca enquanto o “termo ausente”, a *experiência*, que não é contemplada pelos catedráticos da teoria, pois a análise de tais aspectos orbita o nível do rotineiro, do vulgar, não apresentando contribuições aos exames estruturais. As manifestações da experiência têm estreita relação com o entendimento da história como processo, pois ressalta-se a agência humana em perspectiva, ou seja, em suas interligações entre as gerações, guardadas, em

grande medida, nas seleções da memória, que permitem uma interlocução com o passado lido no presente, dividido entre rupturas e permanências.

O trato com a vida e seus problemas proporciona a articulação dos costumes, consagrados na esfera das experiências comuns, que tangenciam as diversas formas de conviver e enfrentar as dificuldades. Portanto, a experiência não é uma atitude em si, mas o processo de constituição das atitudes, num constante compartilhamento, comunicação. Sua elaboração é delineada pelo processo, que serve como fio condutor que interliga muito do que foi *vivido* e o que está sendo vivenciado.

E quanto a experiência fomos levados a reexaminar todos os sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão: parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias – tudo o que em sua totalidade, compreende a genética de todo o processo histórico, sistemas que reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria sua pressão sobre o conjunto. (THOMPSON, 1981:189)

É salutar, dessa maneira, não perder de vista os elementos da cultura, por tempos negligenciados por alguns historiadores. A pluralidade dos aspectos culturais, ou melhor, o próprio conceito de cultura deve ser problematizado, seguindo o judicioso alerta de Raymond Williams, visto que “os conceitos, não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos” (WILLIAMS, 1979:27). Atentar a cultura na história é entendê-la enquanto produção de sentido, recheada de conflitos, investigando sua articulação e influências diante das raias do processo histórico. A noção de ação e sujeito históricos, portanto, estão intimamente ligados as contendas da cultura, que cada vez mais entranha-se no campo de estudo dos historiadores.

O conceito de cultura alarga-se na medida em que ganha outros significados, percebido no que é corriqueiro, não circunscrevendo-se, por exemplo, apenas ao que se convencionou chamar de *Belas Artes*. Para Williams a cultura é ordinária, e sua articulação empreende-se a partir da experiência. A incisão no tecido da cultura é um dos grandes desafios para uma historiografia atenta as dimensões do vivido,

questionando o “parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias”.

Enfim, tudo isso contribui na escrita de uma história *encarnada*, movida pelas pessoas que teceram e tecem diuturnamente suas vidas.

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 3ed. São Paulo: Perspectivas, 1992

BENJAMIN, W. **Sobre o conceito de História**. In. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. **A experiência do movimento operário**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, 10 dez 1993.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **O queijo e os vermes: cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Entre Árvores e Esquecimentos: História social nos sertões do Brasil**. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

_____. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio (orgs). **As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 261.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

VERNE, Julio. **A Jangada: 800 léguas pelo Amazonas**. São Paulo: Planeta, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.